

Entre homens e mulheres, escravizados e libertos, campo e cidade – eis as tias “negras” do carimbó na fronteira do saber na cidade da Vigia-PA

*Assunção José Pureza Amaral**
*Raimundo Paulo Cordeiro***

Resumo

O artigo intitulado Entre homens e mulheres, escravizados e libertos, campo e cidade – eis as tias “negras” do carimbó na fronteira do saber na cidade da Vigia-PA trata da presença de mulheres negras na cultura do carimbó, no estado do Pará, região Norte do Brasil. O objetivo é compreender o papel e o poder da mulher negra no processo de criação cultural na Amazônia. A metodologia envolveu levantamentos historiográfico, etnográfico e de campo naquela cidade. Revela como a mobilidade de mulheres negras propagou e manteve a cultura do carimbó, com fronteira aberta de movimento de pessoas e de cultura.

Palavras-chave: Tias Negras. Carimbó. Vigia-PA.

A região Norte do Brasil, Amazônica, é formada atualmente por sete estados; o estado do Pará é um dos mais antigos e possui mais de 140 municípios. A cidade de Vigia é uma das mais antigas, fundada em 6 de janeiro de 1616, localizada na Mesorregião Nordeste do Estado do Pará, tem uma população estimada em 47.845 habitantes (IBGE, 2010), desta cidade falaremos de mulheres negras e da manifestação da cultura do carimbó. O artigo inicia com uma digressão histórica necessária e vai costurando um longo processo de paralelismo e intercessão de fronteira cultural e étnica na Amazônia, com um recorte específico na participação da mulher, as Tias “negras”, no carimbó daquela cidade.

As “Tias do Carimbó” adquiriram, no decorrer do século XX, importância fundamental na preservação e valorização da cultura local, cidade de Vigia, na Mesorregião Nordeste do Estado do Pará. Logo após a venda de uma fazenda denominada Santo Antonio da Campina, por uma família tradicional de sobrenome Raiol, iniciou um fluxo de pessoas para o núcleo urbano da cidade de Vigia. A faixa de terra que representou aquela propriedade rural era bastante abrangente. Dentro desses limites naturais e políticos em vários pontos surgiram e desapareceram povoados nos quais teriam vivido as mulheres negras escravizadas Maria Cassenge, Catarina, Margarida, Ângela, Roza, Feliciano, Leocádia, Líbia, Júlia, Vicência, Vitorina, Carolina, Joaquina, Jerônima, Andreza, Emiliana, Maria Libânia, Leopoldina, Catharina, Galdina, Dorothea, Margarida, Josepha, Engrácia, Dionízia e outras (ACEVEDO MARIN, 2004, p. 74-75). Os negros e as negras quase sempre não apresentavam sobrenomes, algumas vezes usavam sobrenomes dos seus antigos escravizadores.

Dizem os relatos que eram essas mulheres que dançavam e cantavam o carimbó, passando a tradição para suas filhas. Dona Guilherina, de 93 anos, morava no povoado de nome Figênia (posteriormente passou a ser Cacau, atual quilombo de Cacau) com seus pais, que eram descendentes de africanos escravizados. Quando pequena, via sua mãe Teodora e as pretas dançarem a “Dança da Onça”; com isso, aprendeu a dançar (depoimento de Guilherina da Conceição Goulart, de 93 anos).

A localidade de Cacau tem parte de sua história entranhada

no antigo Engenho de Santo Antônio da Campina e nos homens e mulheres que conquistaram a liberdade com a abolição da escravatura no Brasil, em 1888, mas que não tiveram poder para mudar a condição de trabalhadores “vendidos” cada vez que a propriedade rural de Santo Antônio da Campina passava de um dono para outro. Os escravizados foram vendidos para Domingos Antônio Raiol, Barão de Guajará, esposa e irmão em 1874 (ACEVEDO MARIN, 2004).

Logo após a família Raiol ter vendido essa propriedade, em 1928, ao Plínio Walfrido Campos, muitos negros livres migraram para a cidade de Vigia, e para outros povoados, a exemplo das localidades de Mané João, Ovos, Figênia, Cacau, Pedreira, Terra Amarela, Santo Antonio do Tauapará (Bom Jesus, Conceição).

Da localidade de Cacau veio a família do Gregório à Vigia, este era crioulo, negro livre com 10 anos, em 1874. A Lei do Ventre Livre, de 1871, decretava que todos os filhos de escravizados que nascessem a partir desse ano seriam considerados livres. Gregório e família fixaram residência no bairro do “Portinho” (hoje rua das Flores). Sua filha Maria dos Santos Rodrigues, conhecida por Tia Marieta, passou a animar o bairro com o carimbó (música, canto, dança e instrumento, hoje símbolo da identidade do estado do Pará) que ela dançava, cantava e batia o tambor. Sua filha, conhecida por Tia Bena, cresceu no seio cultural que sua família adquiriu dos africanos. O Gregório também cantava, batia e dançava o carimbó (depoimento de Ana Maria dos Santos, de 78 anos).

Na localidade de Figênia, além da família da dona Guilhermina, morava uma senhora idosa chamada Geromina que dançava o carimbó, sua filha Mimin também dançava. Sabá, Terto e Júlia, todos dançavam, batiam e cantavam o carimbó e vieram morar no bairro de Arapiranga, na cidade de Vigia, permitindo perceber a fronteira aberta e movimento de pessoas e de cultura (depoimento de Ana M. Santos, de 78 anos).

Muitas outras Tias do carimbó que moravam nessa propriedade, Santo Antônio da Campina, também fixaram residência na cidade de Vigia e por meio do carimbó conheceram outras Tias que moravam na cidade e que também aprenderam o carimbó com as mulheres

escravizadas da própria cidade. As Tias do carimbó moravam em diversos bairros, tais como Centro, “Portinho”, Arapiranga, Amparo, Siqueira e adjacências da cidade de Vigia.

A denominação “Tias do Carimbó” utilizada neste artigo é uma retomada do termo Tia que apareceu no jornal local “*Gazeta da Vigia*”, de 1925, e também no livro de memórias do autor vigiense Aécio Palheta, que viu as Tias dançando e cantando o carimbó em Vigia, nas décadas de 1930 a 1950. As pessoas que vivenciaram esse momento também relatam suas memórias usando o termo Tias, referindo-se às senhoras de idade, envolvidas com o carimbó na época, por questões de respeito, sem que tivessem algum vínculo de parentesco com estas. Esses valores são presentes em outras localidades em que houve marcante presença da tradição e de pessoas africanas, a exemplo da Bahia, Rio de Janeiro, Estados Unidos, entre outras.

A história dos grupos familiares e dos povoados que se constituíram na região se entrecruzam nas cabeceiras de igarapés e rios. Um desses, o Itancuam era o mais próximo da Baía do Guajará, e hoje está deserto. Pedreira foi o lugar onde nasceram os parentes de várias famílias que hoje vivem em Tauapará e na Vigia. Urucuriteua está situada nas cabeceiras do igarapé Ucuriteua com o igarapé Santoágua e se comunicava facilmente com Pedreira; a referência comum entre ambos é o rio Tauapará. Mané João estava às margens do igarapé Campina e foi o mais importante para a geração dos homens e mulheres livres, após o decreto de abolição de 1888. O povoado de Ovos está situado às cabeceiras do rio Santo Antônio do Tauapará, onde existem poucas famílias morando. Mas o povoado de Santo Antônio de Tauapará junto de Terra Amarela e Cacau são os mais populosos e se localizam em um ponto mais acessível da cidade de Vigia. Ou seja, os rios da região de Vigia revelam as teias de relação entre essa população que se mobilizou ao longo do pós-abolição e formou a sociedade e a cultura vigiense e paraense.

As mulheres tiveram e tem uma participação ativa no carimbó de Vigia, seja na organização, seja dançando, cantando, compondo ou batendo o carimbó (tambor). Elas dançavam vários ritmos, mas a principal era a “Dança da Onça”. Nos terreiros, chamados

posteriormente de quintais, ou nas casas, elas animavam e se divertiam com o carimbó; aquele que seria símbolo do Estado no século seguinte.

Entretanto, segundo o antropólogo Heraldo Maués, com o processo de Romanização, o padre Alcides Paranhos assumiu o viriato em 1910 e permaneceu por 41 anos. Era belenense, músico e compositor. Fundou em 1911 a congregação do “Apostolado da Pia União das Filhas de Maria”, composta por adolescentes e moças. E reativou o Apostolado da Oração, composto por senhoras. Heraldo Maués acrescenta que o livro de atas dessas congregações está cheio de recriminações e proibições. Por exemplo, condenava o *Carnaval*, proibia o *Tango* – que em 1915 é chamado pelo padre de “dança excomungada” – e o *Carimbó*. Assim, como restringia às “Filhas de Maria” a comparecimento a bailes pagos e andar “atrás de divertimento do boi-bumbá” (MAUÉS, 1995, p. 81).

A senhora Marina Almeida Lobato, de 76 anos, “Filha de Maria”, quando tinha 12 anos se tornou apostulante e recebeu uma fita rósea. Posteriormente, passou a aspirante fita verde e, finalmente, “Filha de Maria”, recebendo a fita azul. Essas fitas eram recebidas conforme o comportamento de cada adolescente ou jovem. Nas festas sociais promovidas pelas Sociedades “Cinco de Agosto”, São Sebastião, Uruitá e Luzeiro, as moças poderiam participar acompanhadas dos pais. Às mulheres era proibido acompanharem a cultura do boi-bumbá e dançarem no carnaval e carimbó, sendo que quem cumprisse a risco todas essas proibições recebia mais rápido a fita azul. Para elas, “[...] havia muita proibição a certos tipos de festas chamadas de mundanas, principalmente o carnaval.” Acrescenta: “[...] mesmo sendo proibido, acompanhei vários bois-bumbás e assisti muito carimbó. Nessa época as moças não dançavam o carimbó, era só as pessoas idosas.” (Depoimento de Marina Almeida Lobato, de 76 anos).

O carimbó era proibido de dançar e até de assistir, por ser uma diversão praticada pela classe popular. Mas, as festas promovidas pela elite local, o padre não proibia. Isso não foi o suficiente para deixar que essas atividades fossem praticadas pelas pessoas principalmente do sexo feminino, as mulheres, as Tias. As pessoas idosas, citadas acima, eram as Tias do carimbó. Em 1925, o carimbó foi considerado

o “esporte” favorito da época pelo colunista Alfredo Medeiros, no jornal “Gazeta da Vigia”:

O esporte favorito da época é o carimbó. Em acompanhar os requebres exóticos da tia Júlia e ouvir – A onça te pega, deixa pegar – eis como os passeiantes, em grande numero, deleitam nas tardes domingueiras de agora, os olhos eternamente ávidos de sensações. E eu, para satisfazer as exigências tenazes do estomago, participo também do mesmo regabofe, e então, os manjares – na carência de outros de primeira ordem, - sinto-os tão saborosos, tão excelentes!... Necessário, porém, torna-se-me declarar que longe de mim está qualquer intenção de querer menosprezar aquella dansa regional. Pelo contrário, o carimbó eu o tenho como mais bizarro e, sobretudo mais decoroso que os bailados modernos. (GAZETA DA VIGIA, 8 fev. 1925, p. 2).

Para o colunista, nota-se que a “Dança da Onça”, por exemplo, que se caracterizava pelo aspecto teatral, encenando algo agressivo, causava estranheza, porém, praticado por pessoas decentes e honestas; apesar de ser considerado extravagante, era mais decente em relação aos bailados modernos. Tal produção não era vista pela oficialidade como uma realidade social, mas como algo exótico. Outro aspecto relevante “para satisfazer as exigências tenazes do estômago” refere-se aos quitutes, aos “regabofes”, os manjares “saborosos, tão excelentes”, outra herança da civilização africana nas Américas, na Amazônia e na histórica e antiga cidade de Vigia.

No decorrer do século XX, o carimbó era realizado nos terreiros, alguns cobertos de palha e cercados nos lados com taboca, o piso de barro batido; outros eram abertos, mas eram todos decorados com enfeites da época e muita comida típica. Nesses terreiros de carimbós havia uma grande participação da população menos favorecida.

Tia Júlia, como era conhecida uma negra ligada ao escravista Barão de Guajará, organizava o carimbó em um desses terreiros. A “Dança da Onça” é uma demonstração de imitação do animal querendo pegar a presa (dançarino). Geralmente, ele sai com a camisa rasgada e seu corpo agatanhado. Às vezes a cena se tornava forte, mas essa era a ideia, tentar passar o mais real possível a relação da onça e seu instinto.

Tia Júlia, assim como as outras Tias do carimbó, eram mulheres simples, donas de casa e trabalhadoras. Porém, tinham uma alegria e um gosto especial pelas festas, principalmente o carimbó, que lhes dava um respeito diferenciado em relação a outras. Eram consideradas no âmbito da cultura vigiense as guardiãs do carimbó de Vigia, e por isso eram conhecidas carinhosamente por Tias. Na verdade, elas foram as guardiãs do patrimônio civilizatório e cultural africano na Amazônia e no Brasil sobre toda a opressão. Este trabalho reconhece o papel de todas elas, que organizavam, cantavam, batiam, dançavam e faziam também as músicas do carimbó de Vigia. Em seus terreiros realizavam, além do carimbó, a venda de comidas típicas regionais.

Eloi Vera Leal, de 88 anos, morador do bairro Centro, na Vigia, quando rapaz, lembra que, no final da década de 1930, conheceu a Tia Júlia e acrescenta:

O terreiro ficava na Av. Barão de Guajará, próximo (hoje a Igreja Evangélica). Quem comandava o carimbó era a ex-escrava de Raiol, chamada também de Júlia Raiol. A Tia Júlia levava o sobrenome do seu antigo proprietário. Era um terreiro grande onde acontecia sempre o carimbó aos domingos pela parte da tarde. Havia as comidas típicas regionais e muita animação. (Depoimento de Eloi Vera Leal, de 88 anos).

Fica claro que, em 1925, a propriedade do escravagista Barão de Guajará continuou mantida pela família por meio da viúva do Barão, Maria Victória Pereira Chermont Raiol e seus filhos. Em 10 de abril de 1928, a propriedade foi vendida a Plínio Walfrido Campos e esposa Raimunda Neves de Campos (ALMEIDA, 2005, p. 59).

Então, quando a família Raiol vendeu o imóvel, muitas pessoas vieram morar na cidade, como é o caso da Tia Júlia e Gregório. Ambos, negros que nasceram após a Lei de Ventre Livre, mas que só se tornaram libertos em 1883, com a venda no processo do fundo de emancipação. Porém, nessa diáspora e na tentativa de conseguir melhorias de vida na cidade, carregaram consigo diversos elementos de sua cultura “original” e os reelaboraram em um novo contexto, um contexto urbano.

Além do exemplo da dança, temos a culinária dos doces que, junto com o carimbó, é marcante nos dias de hoje. A negra escravizada Júlia (depois Júlia Raiol, já citada neste artigo), em 1874 tinha 10 anos e aparece na relação de escravizados do engenho Santo Antônio da Campina, vendidos por Agostinho José de Almeida ao Domingos Antônio Raiol (Barão de Guajará). Ela era filha da negra escravizada Dorothea. Esse fato confirma que a “Dança da Onça” nasceu sob o domínio da escravidão nos engenhos e sítios de terras vigienses.

No livro de memórias de Aécio Palheta, denominado *Vigia Ainda ontem*, o autor conheceu a Tia Júlia:

Quando conheci, eu bem pequeno, ela uma anciã vestida à baiana de estampada saia rodada, sobre a qual a camisola de renda sobressaía coincidindo com a alvura da carapina. Recendendo a baunilha ficava atrás do tabuleiro repleto de rebuçados, cocadas e beijões-de-moça, ao lado da Casa Campos, próximo ao cais. Lá ela atendia os fregueses com a cortesia de disciplinada mucama. Os braços chocalhando balangandãs. No peito a mão fechada de pau d’angola. (PALHETA, 1995, p. 79-80).

O trecho trata de ocupações que certas mulheres escravizadas realizavam na cidade de Vigia e em outras cidades, como Belém (AMARAL, 1994). Elas vendiam seus doces em um tabuleiro, no arraial da festividade do Círio de Nossa Senhora de Nazaré ou nas esquinas de alguma casa comercial. A culinária foi mais um legado das negras africanas deixado em terras vigienses, como doces feitos de farinha de trigo e recebem formato lúdico, de acordo com as festas da cidade, como bois, bonecas, estrelas, pássaros, peixes, entre outros.

O tabuleiro contém, também, rebuçado (pastilha de gengibre), cocada (feito de bagaço do coco) e beijo de moça (feito da goma da mandioca). Hoje se vê com frequência em frente à Igreja Matriz e nas praças da cidade as doceiras ou doceiros. Na ocasião do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, no arraial, a presença das doceiras é bem maior, vindas das vilas e povoados da cidade de Vigia.

A profissão de doceira vem desde a época da escravatura no Brasil; em 1866, a negra escravizada Elisa aparece em uma documentação

denominada Processo-crime, sendo espancada por cobrar uma dívida de oitocentos réis de doces de Juvenal de Moraes Rego. Seu proprietário, capitão Jerônimo João Manoel de Carvalho, foi quem registrou a ocorrência, porque sua negra escravizada estava inabilitada para os serviços e, conseqüentemente, a venda dos doces (Processo de Auto-crime encontrado na Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto”, fundada em 1871).

A negra escravizada Elisa era mais uma, entre tantas negras de ganho, escravizada que vendia algo na rua para o senhor escravagista, resultando, com isso, uma pequena quantidade de réis. O Código de Posturas Municipal, de 1883, era rígido e apresentava em alguns artigos certas proibições, conforme exemplo abaixo:

Art. 58 – As pessoas que venderem fructas, doces ou outros qualquer objeto, não farão ajuntamento em cantos, ruas, praças e travessa. O transgressor incorrerá na multa de réis 5\$000, ou dous dias de prisão.

§ Único – Não se comprehende n’estas disposições e ajuntamento das vendedoras de doces no largo das igrejas por occasião das festividades religiosas.

Esse medo de ajuntamento está relacionado com o conceito de “haitinização”, que era a divulgação em massa no Brasil sobre a revolução do Haiti, segundo o historiador Luiz Mott. E que havia ideias que circulavam dentro do Brasil sobre revolução dos escravos (1981).

O memorialista citado comenta que Tia Júlia, Tia Martinha, Tia Anália e Tia Zoléria comandavam e festejavam o carimbó nas tardes de domingo na cidade de Vigia, e quem batia o tambor (carimbó) era Argemiro Bagre e Gabiru (seu pai). Acrescenta ainda que a festa terminava sempre com a dança do macaco, cantada em solo rouco de Tia Júlia: “O macaco do telhado/ É um bicho faceiro/ Rouba milho lá na roça/ Pra comê na capoeira/ O macaco já foi gente/ Hoje é bicho respeitado.” (PALHETA, 1995, p. 80).

Entretanto, no dia 6 de julho de 1938, a propriedade de Santo Antônio da Campina, que pertencia agora ao Plínio Walfrido Campos, foi comprada pelo coronel Francisco de Mello e a partir de junho de 1968 passa a pertencer a Alberto Campos Tavares (ALMEIDA, 2005, p.

63). Nesse ínterim, houve um grande fluxo populacional da localidade do Tauapará para a cidade de Vigia. Várias famílias que praticavam o carimbó trouxeram consigo suas manifestações culturais e as adaptaram às características urbanas; a cultura sofre novas influências e se modifica com o passar de cada geração.

Para o antropólogo Marshall Sahlins (*apud* SCHWARCZ, 2007, p. 20): “[...] as culturas são como rios: não se pode mergulhar duas vezes no mesmo lugar, pois estão sempre mudando.” Aí está a noção de dinâmica cultural; a ideia de que a cultura não é uma essência, uma vez que está sempre em transformação. O fato é que a cultura não “é”, ela “está”. Culturas se criam, alteram-se e se resignificam.

A senhora Maria dos Santos Rodrigues, filha de Gregório, negro liberto, e mãe de Benedita dos Santos Rodrigues, que passou a ser conhecida por Tia Bena, esta já falecida, e sua irmã Ana Maria dos Santos e mais dois irmãos, juntos com seu pai José do Espírito Santo, migraram do campo para cidade. Eles passaram a residir no antigo bairro do “Portinho” (hoje rua das Flores) em Vigia, no final da década de 1930. Na cidade, essas Tias passaram a trabalhar no artesanato, fabricando louças de barro (trabalho feito de argila retirada do igarapé próximo à sua residência). Com a argila, realizavam inúmeros objetos, denominados louças de barro, por intermédio de um processo artesanal de ferramenta rústica que levava dias até o produto final, e vai da retirada do barro até a confecção dos utensílios. Essas louças eram utilizadas no cotidiano da classe popular vigienses: panelas, papeiros, alguidais, pratos, entre outros. Atividades estas herdadas dos negros africanos na Amazônia (depoimento de Ana Maria dos Santos, de 78 anos).

Este antigo bairro do “Portinho”, em Vigia, passou a ter uma atração especial, o carimbó, organizado pela Tia Maria dos Santos, que fabricava louças de barro, profissão herdadas de seus pais, e Tia Marieta. A primeira era esposa de Manoel Santos, irmão da segunda. O carimbó era festejado geralmente aos domingos, pela parte da tarde. Em época de lua cheia era carimbó a noite toda (depoimento de Ana Maria dos Santos, de 78 anos).

Ana Maria dos Santos, de 78 anos, irmã da Tia Bena, lembra que

quando sua família morava na Fazenda da Campina (Tauapará) seu avô Gregório Moraes era um crioulo que usava argola grande na orelha. Na década de 1930, quando Plínio Campos vendeu a propriedade com “[...] todos nós dentro, meu avó, Gregório, ficou com medo e, deixou a casa e tudo no Cacau e viemos morar em Vigia no bairro do ‘Portinho’”. Ele já estava velho e com pouco tempo veio a falecer.” Segundo ela, os pais trabalhavam na roça, onde plantavam maniva, macaxeira, batata, jerimum e vários tipos de verduras. Tia Marieta, mãe da Tia Bena, era quem organizava o carimbó para animar o trabalho. Quando havia os mutirões na roça era muita gente participando, animação regada à cachaça, aluá, feito da casca de abacaxi, com cachaça; manicuéra, fervida água em uma panela, após se coloca o tucupi, a mandioca e se mistura com arroz; é uma espécie de mingau. Nesses mutirões, geralmente se realizava uma roça de cerca de 10 a 12 tarefas, onde era preparada a terra para serem plantados os gêneros alimentícios de suas necessidades (depoimento de Ana Maria dos Santos, de 78 anos).

Gregório aparece na relação de escravizados do Engenho Santo Antônio da Campina, vendidos por Agostinho José de Almeida e Frederico Bento de Almeida a Domingos Antônio Raiol, em 1874, com 10 anos de idade, da província, filho de Josepha. No dia 26 de setembro de 1883, Gregório, com 19 anos, é liberto pelo fundo de emancipação (ACEVEDO MARIN, 2004)¹.

Então, desde criança a Tia Bena já dançava e via seus ancestrais dançando o carimbó. Nasceu em uma família em que a dança era o maior divertimento. No bairro do “Portinho”, quando tinha 10 anos, Tia Bena já era uma das atrações no terreiro de carimbó, organizado por sua mãe e sua tia. Na década de 1960, começou a dançar a “Dança da Onça” no grupo de carimbó O Beija-Flor. Isso fez com que Tia Bena se tornasse muito conhecida na cidade de Vigia, chegando até a apresentar essa dança em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belém, já em outro grupo, “Os Tapaioaras”. Tia Bena morreu em 1998.

Maria Diana Monteiro Cordeiro, de 64 anos, moradora no bairro Centro, em Vigia, recorda que, em 1956, morava no bairro do “Portinho”. Nessa época, muitos moradores desse bairro eram oriundos de Tauapará. Ela acrescenta que:

Havia a Tia Maria, era negra descendente de escravo. Ela morava na última casa próximo ao porto. Nessa casa tinha um quintal grande, que chamavam, na época, de terreiro, onde brincavam o carimbó, sempre pela parte da tarde, aos domingos. Lembro de uma música que, de tanto cantarem, aprendi até hoje: Dona Maria me diga: 'Aonde é que eu vou parar / Saindo daqui agora / Aonde é que eu vou chegar / Na casa da Tia Bibiana / De baixo da amendoeira'. (Depoimento de Maria Diana Monteiro Cordeiro, de 54 anos).

Outro frequentador de terreiro de carimbó, nessa época, era o “seu” Newton da Silva Leão, vigiense, de 84 anos. Para ele, o carimbó de Vigia era dançado nos terreiros e as atrações eram as Tias Júlia, Nália, Pescada Preta e Luzia Fragata. Ele afirma que:

Nessa época, Tia era justamente pelo respeito que se tinha pelas pessoas mais velhas. Lembro-me que na década de 1940, quando era rapaz, fui assistir a um carimbó que estava tocando no Açaizinho (à margem da rodovia PA-140), próximo ao atual campo de futebol do Banespa. Nessa época o batuque era diferente e se escutava de muito longe. Hoje é como rufo de banda. (Depoimento de Newton da Silva Leão, de 84 anos - em memória).

Entretanto, Raimundo Siqueira de Lima, vigiense, musicista (ex-maestro da banda musical União Vigiense), de 65 anos, morador no bairro do Siqueira, absorveu a partir de seu pai muitas informações sobre a cultura de Vigia, principalmente do carimbó. Além disso, conviveu com os descendentes das pessoas que viveram e praticaram o carimbó nessas localidades. Ele relata que o caboclo vigiense Juvenal Bernardino Monteiro de Barros, Juvenal de Barros como era conhecido, nasceu e viveu na localidade denominada “Açaí Grande” (à margem da rodovia PA-140) e adjacências, em 1935. Era filho de pais roceiros (gente que trabalha na roça). Seu pai era músico de “pau e corda”. Foi então que Juvenal teve a ideia de organizar um conjunto de carimbó, façanha estimulada ao assistir pela primeira vez um grupo de descendentes de negros escravizados que residiam no quilombo do rio Campina, afluente do rio Tauapará (depoimento de Raimundo Siqueira

de Lima, de 65 anos). Provavelmente, era o grupo de carimbó “Os Tauaparazimba”, por ser considerado o primeiro grupo de carimbó da Vigia, formados na época por descendentes de africanos.

Com relação ao carimbó do bairro de Arapiranga, em Vigia, Lucivaldo da Conceição Reis, vigiense, de 66 anos, morador no bairro Centro, quando rapaz assistiu e dançou muito carimbó no terreiro que havia nesse bairro. Afirma que havia um terreiro de carimbó, na década de 1950, no bairro de Arapiranga, da Tia Luzia Fragata. Nessa época, o terreiro ficava onde é hoje o bar do “seu” Orlando. Acrescenta:

A Dança da Onça era uma atração à parte. Era feita uma roda, então aparecia uma ‘Tia’ dançando; esta dançava como se estivesse desafiando alguém; com isso, entrava na roda um dançarino: o desafiador. Este, muito hábil, conseguia se esquivar dos ataques da ‘onça’, mas no final a ‘Tia’ conseguia rasgar e agatanhar o desafiador. (Depoimento de Lucivaldo da Conceição Reis, de 66 anos).

Bernaldo Vilhena Barata, morador do bairro de Arapiranga, de 65 anos, também conheceu e frequentava o terreiro de carimbó do bairro, onde morava quando rapaz. Ele afirma que era a Tia Luzia Fragata quem dançava o carimbó em um terreiro que ficava bem ao lado de sua casa (hoje bar do Orlando). Era uma senhora idosa que também amassava e vendia açaí. Mas todo domingo, pela parte da tarde, era realizado o carimbó, até às 22h. Acrescenta:

[...] era a Tia Luzia Fragata quem animava o terreiro dançando a dança da onça. O carimbó era comandado por Santana Gil da Silva. Tia Maria Bastos, que também dançava o carimbó em Vigia, era conhecida por ‘Maria onça’, porque dançava muito bem a dança da onça. (Depoimento de Bernaldo Vilhena Barata, de 65 anos, conhecido por Tio Godão).

A “Dança da Onça” não significa apenas a relação entre homem-natureza. Vicente Salles, em sua pesquisa, encontrou uma dança típica na cidade de Salinópolis, Nordeste do Pará, chamada de “Peru do Atalaia” e a descreve assim:

[...] o rapaz corteja a dama, fazendo volteios ao seu redor, com fraldas da camisa levantadas pelas pontas dos dedos, imitando as asas de uma ave, o peito saliente, todo inflado, como se fosse um peru. Após certo número de voltas e requebrados: 'o cavalheiro é substituído por outro, depois a dama, e assim, sucessivamente vão se revezando homem e mulher para dar oportunidade a novos elementos'. (SALLES; SALLES, 1969, p. 259-287).

Ainda sobre a dança típica do carimbó de Vigia, Agrepino Almeida da Conceição, em seu livro sobre o carimbó de Marapanim, mostra que na cidade de Vigia existe a dança da onça. Ele afirma que:

[...] um par de dançadores previamente selecionado, vai para o meio do salão, o cavalheiro que é o caçador sem armas começa dançando para o lado da onça, que é a dama; esta, fingindo gostar, começa também a dançar, fingindo querer amizade. No fim, o cavalheiro se dá mal, pois a onça começa a lhe dar umas unhas, deixando o galanteador com as roupas todas rasgadas e com marcas de unhas pelo corpo. (CONCEIÇÃO, 1995, p. 240).

Quanto à origem do carimbó específico da cidade de Marapanim, Nordeste do Pará, Conceição (1995) descreve que este surgiu com a vinda dos maranhenses nômades, no início do século XX, para o povoado Santo Antônio (hoje Maranhão). Este povoado foi fundado pelo senhor Zeferino e seus primos. Posteriormente, fundaram a confraria de São Benedito, tornando-se o padroeiro do povoado. Segundo Conceição, com a vinda deste carimbó pelos maranhenses, este passou a fazer parte das festividades do santo. O carimbó ficou cada vez mais difundido; com isso, disseminou-se para outros municípios (CONCEIÇÃO, 1995, p. 235).

Paulo Henrique Ferreira, por outro lado, no livro *Fragmentos Históricos de Curuçá*, afirma que o curuçense "negro Uróia" foi o primeiro homem a cantar o carimbó em todo o estado do Pará e, baseando-se nisto, crê que Curuçá é "o município berço do Carimbó". E conclui que: "A divulgação do Carimbó começou por volta de 1945, com o 'negro Uróia'." (FERREIRA, 2005, p. 163).

Porém, temos visto como o carimbó de Vigia remonta ao período

da escravidão, já que, em 1878, o jornal local “O Espelho” e, em 1883, o Código de Posturas Municipal mencionam ele como parte da cultura local vigiense de cunho popular. Na fase atual, o carimbó de Marapanim é o mais “promovido”, devido, principalmente, aos seus festivais anuais e sua valorização por parte da prefeitura local. O que não aconteceu, nem acontece, com frequência na cidade de Vigia.

Entretanto, ainda na década de 1950, o carimbó de Vigia era apresentado em outro estado, no Amapá, na cidade de Calçoene. Todos os anos, pescadores vigienses passavam uma semana nessa cidade, no decorrer da “semana santa”. Eles trabalhavam na canoa a vela, conhecida por vigilenga, de nome “Estrela do Norte”, fabricação tipicamente local, propriedade de Otávio Freitas Ribeiro (conhecido por “seu” Sinhuca), já falecido. Este era proprietário de cerca de 11 canoas vigilengas, de porte médio, e uma grande. Realizavam a pesca no rio Amazonas por cerca de um mês e quando pescavam para o Norte (do lado do Amapá) passavam cerca de três meses. Essas embarcações, quando iam pescar, levavam bastante sal e as despesas para alimentação. Quando estavam pescando para o lado de Amapá, e após estarem com a carga completa de peixe salgado, principalmente a gurijuba, se descolavam até Calçoene. Era, então, que a maior canoa a vela se deslocava de Vigia para buscar todo o carregamento. Essa canoa tinha a capacidade de trezentas arrobas de peixe (4.500kg) (depoimento de Adão dos Santos Monteiro, de 76 anos, e Francisco Ribeiro, de 59 anos, filho do “seu” Sinhuca).

Adão dos Santos Monteiro, de 76 anos, vigiense, era um dos pescadores que em Calçoene dançava o carimbó. Segundo ele, nesse intervalo, os pescadores João Peralta, “Bode”, João Cavallo, “Motor”, e Almerindo animavam com o carimbó essa cidade, e tocavam na sede dos clubes de futebol “Brasil” e “União”. Acrescenta Adão dos Santos Monteiro: “[...] quando a canoa vigilenga chegava a Calçoene, a comunidade já sabia que ia haver carimbó.” (Depoimento de Adão dos Santos Monteiro).

Aqui o saber e o fazer carimbó alargam suas fronteiras para além do local e se torna cultura interestadual ou regional. O pescador vigiense conhecido por João Peralta era quem fabricava os tambores,

cobria suas extremidades com couro de catitu ou de veado. O grupo de carimbó era formado por dois tambores, violão, cavaquinho, pandeiro e xeque-xeque. As músicas eram de autoria própria ou de outros autores (depoimento de Adão dos Santos Monteiro).

No Amapá, segundo o etnólogo amazonense Nunes Pereira, se dançava também o Sairé e Marabaixo, danças promovidas por três fontes de emoção e de religiosidade, dos conquistadores portugueses, do escravo negro e do índio (NUNES, 1951). Nunes apresenta aquelas manifestações como folclore e como se fossem frutos (do mito) da democracia racial em que três raças democraticamente compuseram uma obra; em uma pesquisa mais específica, mostramos que o Marabaixo é uma das tradições afro-amazônicas.

No mesmo estado, segundo o historiador paraense Luiz Augusto, na localidade chamada Cuanni, se pratica o “zimba”. A diferença, em relação ao carimbó, está na forma de se tocar. No “zimba”, os tocadores utilizam as baquetas, enquanto que no carimbó as próprias mãos (LEAL, 1999).

Havia uma música que Adão dos Santos Monteiro sempre cantava, de sua autoria, inspirada em um acontecimento no terreiro de carimbó de Tia Cota, na localidade do Açaizinho (à margem da rodovia PA – 140); era nesse local que havia a festividade do Divino Espírito Santo, realizada no mês de dezembro. Certo dia houve uma briga nesse terreiro, que terminou quando a Tia Cota jogou água quente de um panelão nos exaltados. Esse episódio foi muito comentado e serviu de alerta para os brigões. Sempre quando havia essa festa, as pessoas comentavam para não brigarem por causa do panelão de água quente da tia Cota. Isso serviu de inspiração para o pescador Adão dos Santos Monteiro, que compôs uma música de carimbó (depoimento de Adão dos Santos). A letra da música, que finaliza este trabalho, é assim:

Aí, panelão, esta é a resposta
Porque o desordeiro sempre
Ficava sem o couro da costa
O carimbó da Tia Cota
Que ela dava no Açai
Era um forró animado
Que nunca tem aqui

Lá todo mundo dançava
Com prazer e animação
Por que tinha medo do panelão
Aí, panelão, esta é a resposta
Porque o desordeiro sempre
Ficava sem o couro da costa
A tia Cota festejava com prazer e devoção
Dia 8 de dezembro a virgem de Conceição
Ela não queria nenhum soldado
Que lhe mandasse o tenente
Quando brigavam na sala
Tia Cota acabava com água quente.

O artigo “Entre homens e mulheres, escravizados e libertos, campo e cidade – eis as tias ‘negras’ do carimbó na fronteira do saber na cidade da Vigia-PA” pretendeu dar uma contribuição para compreender a participação das mulheres, as Tias, no carimbó que hoje é patrimônio do Estado e da Nação; revelou como esses saberes se locomovem na fronteira de cidades e estados, meio urbano e rural.

Os diversos depoimentos, alguns de homens sobre as mulheres, mostram como os afrodescendentes experimentavam os mundos do trabalho, do lazer, das relações de gênero, entre outros, informações que são muito difíceis de se obter por outros meios, dado o alto índice de analfabetismo na época.

A manifestação carimbó, ao longo do século XX, apresentava uma característica específica neste lugar, a presença das “Tias do carimbó”, mulheres descendentes de africanas que repassaram seus ritmos e danças às suas descendentes, que apresentavam nos festejos algumas danças típicas, como a “Dança da Formiga”, a “Dança da Matinta Perera”, a “Dança do Negro no Tronco” e a mais conhecida, que inclusive foi apresentada em várias capitais e até em Brasília, que é a “Dança da Onça”.

Portanto, nesses fluxos e refluxos, o carimbó continua atuante tanto na zona urbana quanto na rural de Vigia. As mudanças estéticas demonstram a multiplicidade de significados que o carimbó assume, ora de pau e corda, ora moderno (ou eletrônico), ora parafolclórico. A geografia e a mobilidade na fronteira permitem compreender como o carimbó se organizou em uma localidade amazônica a partir da participação, mais que contribuição, da(o)s negra(o)s africana(o)s e

seus descendentes como protagonista dessa sociedade e cultura.

Notas

* Professor adjunto de Sociologia e Antropologia do Campus Universitário de Castanhal, da Universidade Federal do Pará.

** Historiador, professor da Rede Pública de Ensino. Especialista em Saberes Africanos e Afrobrasileiro para a aplicação da Lei n. 10639/03.

¹ Sobre o fundo de emancipação de vários escravos, ver arquivo da Sociedade Literária e Beneficente “Cinco de Agosto” em Vigia, Pará, Brasil.

Referências

ACEVEDO MARIN, Rosa Elizabete. **Famílias de Cacau e Ovos nas terras apropriadas pela empresa S. A. no município de Colares.** Belém-Pará: UFPA, 2003.

_____. **Julgados da terra: cadeia de apropriação e atores sociais em conflito na Ilha de Colares.** Belém: Editora EDUFPA, 2004.

ALMEIDA, Wilkler. **Taupará.** Vigia de Nazaré: Edição do Autor, 2005.

AMARAL, Assunção José Pureza. **“Chama Verequete”:** etnografia da trajetória e das vicissitudes de um compositor negro paraense. 1994. 50 f. Monografia (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Belém, 1994.

CONCEIÇÃO, Agripino Almeida da. **Marapanim:** reconstituição histórica, cultural, mística e chistosa. Belém: Gráfinorte, 1995.

FERREIRA, Paulo Henrique. **Fragmentos Históricos de Curuçá.** Vol. 2 Gráfica Grafset: Castanhal-Pa, 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo da população brasileira-2010,** 2010.

JORNAL GAZETA DA VIGIA. **Vigia,** p. 2, 8 fev. 1925. p. 2; 1 de dezembro de 1926. p. 1.

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **As Composições do Uirapuru:** experiências do cotidiano expressas em letras do conjunto de carimbó

Entre homens e mulheres, escravizados e libertos, campo e cidade – eis as tias “negras” do carimbó na fronteira do saber na cidade da Vigia-PA - Assunção José Pureza Amaral, Raimundo Paulo Cordeiro

de Verequete. 1999. 50 f. Monografia (Especialização em Teoria Antropológica) – Universidade Federal do Pará, Belém, 1999.

MAUÉS, Raymundo Herald. **Padre, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico** – um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia. Belém: Cejup, 1995.

MOTT, Luiz. A revolução dos negros do Haiti e o Brasil. In: SIMPÓSIO QUILOMBO DE PALMARES, 1., Maceió. **Anais...** Maceió: C.E. Afro-Brasileiros, 20 nov. 1981.

NUNES, Pereira. Sairé e Marabaixo: Tradições da Amazônica. Contribuições o Primeiro Encontro Brasileiro de Folclore, 1951.

PALHETA, Aécio. **Vigia Ainda Ontem**. Belém: Imprensa Oficial do Est., 1995.

SALLES, Vicente; SALLES, M. I. Carimbó: Trabalho e lazer do caboclo. **Revista de Folclore**, v. 9, n. 25, p. 257-282, 1969.

SCHWARCZ, Lilia Mortz. O Caleidoscópio da Cultura. **Revista da Biblioteca Nacional**, ano 2, n. 18, mar. 2007.

Entrevistas

BARATA, Bernardo Vilhena. **Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro**. Vigia-PA, 2010.

BARROS, Álvaro. **Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro**. Vigia-PA, 2009.

BARROS, Maria Margarida. **Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro**. Vigia-PA, 2009.

CARDOSO, Benedito Nazaré. **Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro**. Vigia-PA, 2009.

CALANDRINO, João. **Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro**. Vigia-PA, 2009.

CONCEIÇÃO, Caetano Barros da. **Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro.** Vigia-PA, 2010.

CORDEIRO, Maria Diana Monteiro. **Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro.** Vigia-PA, 2010.

GOULART, Guilhermina da Conceição. **Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro.** Vigia-PA, 2010.

LEÃO, Newton da Silva. **Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro.** Vigia-PA, 2010.

LIMA, Raimundo Siqueira de. **Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro.** Vigia-PA, 2010.

LOBATO, Mariana Almeida. **Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro.** Vigia-PA, 2010.

MELO, Manoel da Conceição de. **Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro.** Comunidade de Quilombolas do Cacau - Cidade de Colares-PA, 2010.

MONTEIRO, Adão dos Santos. **Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro.** Vigia-PA, 2010.

OLIVEIRA, Manuel Vilar de. **Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro.** Vigia-PA, 2010.

PALHETA, Bivar Evaristo. **Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro.** Vigia-PA, 2009.

PEREIRA, Osvaldo. **Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro.** Vigia-PA, 2010.

REAL, Eloi Vera. **Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro.** Vigia-PA, 2010.

REIS, Lucivaldo da Conceição. **Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro.** Vigia-PA, 2010.

Entre homens e mulheres, escravizados e libertos, campo e cidade – eis as tias “negras” do carimbó na fronteira do saber na cidade da Vigia-PA - Assunção José Pureza Amaral, Raimundo Paulo Cordeiro

RIBEIRO, Francisco. Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro. Vigia-PA, 2010.

SANTOS, Ana Maria dos. Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro. Vigia-PA, 2010.

SILVA, Guilhermino Ferreira da. Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro. Vigia-PA, 2009.

SOUSA, Maria Teodora de. Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro. Vigia-PA, 2010.

VILHENA, Marcionila Mira da Silva. Entrevista concedida a Raimundo Paulo Monteiro Cordeiro. Vigia-PA 2010.

Abstract

Our article investigates carimbó dance culture and as to how black women prove an important presence to its culture within the state of Pará, northern Brazil. The principle research objective is to understand the role and power of black woman in the process of cultural creation within the Amazon region. We employed both historiographic and ethnographic methodologies for the study, and undertook field work in the city of Vigia-PA. We show that the mobility of black women propagated and maintained the carimbó dance culture of, through open border of movement.

Keywords: Black Aunts. Carimbó. Vigia-PA.